

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS 50 ANOS APÓS A SUA MORTE (1941-1991)

JOÃO SILVA DE SOUSA

“Se é certo que as suas obras constituem, no campo da Etnografia, da Arqueologia e da Filologia, uma espécie de Corpus do Povo Português (...), a forte estrutura que dispõe os elementos faz supor um pensamento que preside à ordenação dêles”.
(Orlando Ribeiro, 1942)

Em reunião de trabalho, informal, tida há meses atrás a fim de calendarizarmos os próximos números da nossa *Revista*, Pere Ferré lembrava a oportunidade da publicação de um número temático, subordinado ao mote muito preciso, mas também muito lato, *José Leite de Vasconcelos: Homenagem..., In Memoriam, Centenário...* Decorriam, de facto, 50 anos desde o falecimento do insígne polígrafo.

José Esteves Pereira que, como director daquele periódico, presidia à assembleia, louvou o sugerido e, unindo esforços, deitámos mãos à tarefa.

Julgámos, desta feita, ser de todo o interesse a elaboração de uma *Colectânea* que reunisse estudos que versassem assuntos no âmbito das matérias de que o ilustre Mestre se ocupara. Recordámos que, pelos anos de 1958-1961, foi dada à estampa uma série de artigos inseridos em interessantes manifestações culturais, com vista a assinalar o Centenário do seu Nascimento (1858-1958).

A Cidade Invicta recordaria, então, quanto marcou a vida literária e científica de José Leite, o início da sua missão e os onze anos de preparação intelectual. Foi no Porto que ele se formou e aí começou a dedicar-se a estudos de etnografia, folclore, filologia e arqueologia que não mais abandonou⁽¹⁾. Estava, pois, justificada a presença de destaque da cidade

⁽¹⁾ Veja-se Domingos de Pinho Brandão, José Leite de Vasconcelos, sep. do

nas Comemorações Centenárias⁽²⁾. Tomava, então, lugar o *Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. Leite de Vasconcelos*, que a Junta de Província do Douro Litoral promoveu, de 18 a 23 de Junho. Contou com a participação de nacionais e estrangeiros, de Espanha, Brasil, Alemanha, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, México e Uruguai.

Lisboa foi palco da organização do *I Congresso Nacional de Arqueologia*⁽³⁾ e nela realizaram-se sessões da Academia das Ciências⁽⁴⁾ e da Associação dos Arqueólogos Portugueses⁽⁵⁾. Ponto alto, não esquecer, seria a edição dos *Estudos de Filologia Portuguesa*, divulgada em 1961⁽⁶⁾. Ideia de Serafim da Silva Neto, autor da selecção e organização dos *Estudos* de Leite de Vasconcelos, a morte apanhá-lo-ia antes da sua concretização, empenhando-se a Livraria Clássica Editora no seu acabamento, solicitando a José Pedro Machado o preparo de um glossário⁽⁷⁾.

Antecipou-a, contudo, o excelente repositório de lembranças José

Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, vol. XXI, fasc. 3-4, (1959), Porto, Empr. Ind. Gráfica do Porto, L.da, 1959, pp. 1-3.

(2) Id., *ibid.*, nota ⁽¹⁾, pp. 2 e 3.

(3) De 15 a 20 de Dezembro de 1958.

(4) A 20 de Novembro de 1958.

(5) A 22 de Dezembro de 1958.

(6) Edição do Rio de Janeiro, Livros de Portugal, Colecção Brasileira de Filologia Portuguesa, 1961.

(7) Resumidamente, os trabalhos de José Leite de Vasconcelos que formam este conjunto são: I. "Conspecto de Etnografia Portuguesa", in *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*, Lisboa, 1915, Parte I, pp. 44-77 (*vide* pp. 7-37); II — "Antiguidades Nacionais", *ibid.*, Parte IV, pp. 171-200 (*vide* pp. 39-64); II (bis) — "Etnografia Portuguesa", *ibid.*, Parte IV, pp. 201-256 (*vide* pp. 65-116); III — "Excursão a Castro Laboreiro", in *De Terra em Terra*, I, Lisboa, 1927, pp. 20-31 (*vide* pp. 117-129); IV — "História da Língua Portuguesa — Origem e Vida Externa", in *Revista Lusitana*, Vol. XXV, 1923-1925, pp. 5-28 (*vide* pp. 131-151); V — "Ementas Gramaticais", *ibid.*, vols XXXII, 1934, pp. 275-293; XXXIII, 1935, pp. 193-213; XXXVII, 1939, pp. 5-31; XXXVIII, 1940-1941, pp. 113-126 (*vide* pp. 153-230); VII — "Observações ao "Elucidário" do P.e Santa Rosa de Viterbo", *ibid.*, Vols. XXVI, 1925-1927, pp. 243-276; XXXIII, 1935, p. 314 (*vide* pp. 231-298); VII — "Matéria Filológica", *ibid.*, Vol. XXIX, 1935, pp. 287-294 (*vide* pp. 299-306); VIII — "Língua de Preto num texto de Henrique da Mota", da *Revue Hispanique*, vol. LXXXI, 1933, pp. 241-246 (*vide* pp. 307-312).

Leite de Vasconcellos. Livro do Centenário (1858-1958)⁽⁸⁾, com preciosos considerandos críticos biográficos e outros acerca de José Leite, o Homem, o Literato, o Professor, o Investigador, o Organizador, o Patriota... Nele participaram, por ordem, João da Silva Correia⁽⁹⁾, Oliveira Guimarães⁽¹⁰⁾, Hernâni Cidade⁽¹¹⁾, Manuel Heleno⁽¹²⁾, F. Rebelo Gonçalves⁽¹³⁾, Orlando Ribeiro⁽¹⁴⁾, Vitorino Nemésio⁽¹⁵⁾ e Manuel Viegas Guerreiro⁽¹⁶⁾. Um importante, sistemático e utilíssimo rol de trabalhos da lavra de José Leite ficou a dever-se a Isabel Vilares Cepeda que os alinhou em sete capítulos fundamentais: Poesia, Etnologia Portuguesa, Filologia, Poligrafia, Publicações Periódicas, Opúsculos e Críticas Bibliográficas⁽¹⁷⁾.

O quadro, muito bem estruturado, traduz, pelas numerosas referências a estudos especializados, o convite que o Mestre dirige às gerações futuras: o cuidado a ter na pesquisa e na observação não é apenas método de estudo mas igualmente a via para o desenvolvimento das Ciências Laboratoriais, como das Ciências Sociais e Humanas.

Por isso, podemos, positiva e seguramente, afirmar que José Leite de Vasconcelos se distingue ainda hoje do que se considera o comum investigador, pela sua polivalência nos domínios da História e das suas ciências auxiliares, interdisciplinaridade que ressalta da lista das obras que nos legou. É difícil, efectivamente, demarcá-lo num campo, fixá-lo mais num domínio do que noutro, aliviar-lhe o *curriculum* de fontes mais desinteressantes ou remetê-lo apenas para o grupo dos principais etnólogos ou linguísticas do País. Certo é que, em variadíssimas alçadas, a sua

⁽⁸⁾ Lisboa, Imprensa Nacional, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1960.

⁽⁹⁾ Com "Algumas Notas Biográficas sobre José Leite de Vasconcelos", pp. 3-30.

⁽¹⁰⁾ Com "José Leite de Vasconcelos", pp. 31-35.

⁽¹¹⁾ "Leite de Vasconcelos", pp. 37-44.

⁽¹²⁾ "Algumas Palavras sobre Leite de Vasconcelos", pp. 45 -51.

⁽¹³⁾ "José Leite de Vasconcelos", pp. 53-63.

⁽¹⁴⁾ "Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos", pp. 65-100.

⁽¹⁵⁾ "Leite de Vasconcelos", pp. 101-107.

⁽¹⁶⁾ "Notas para uma Biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos", pp. 109-137.

⁽¹⁷⁾ "Bibliografia de José Leite de Vasconcelos", pp. 139-265.

presença continua obrigatória, pelo recurso aos estudos que nos deixou, nos mais de 60 anos de trabalho ininterrupto e fecundo.

As reedições vão-se fazendo, para sorte nossa, mas dentro da parcimónia tão característica do nosso meio editorial. O investigador, na secção das Ciências Sociais e Humanas, delas não pode prescindir. O autor levantou temas e factos novos para a época que vieram permitir revisões pelos problemas que emergiam, abrindo, naturalmente, perspectivas inovadoras e múltiplas à Ciência. São textos que, ainda agora, nos atraem, dado o rigor dos reparos, anotações e pesquisas — princípios tão só, se quisermos, pontualmente ultrapassados pelo progredir da Ciência que, de modo diverso, hoje possa conceituar.

Para dar divulgação aos resultados das suas pesquisas e reflexões e das de outros envolvidos em idênticas batalhas, surgiram, de sua iniciativa, as revistas *O Archeologo Portuguez*, a *Revista Lusitana*, o *Anuario das Tradições Populares Portuguesas* e o *Boletim de Etnografia*. São periódicos, de cuja continuidade sentimos falta, dados os variadíssimos assuntos versados nos seus *folia* e que, por bom tempo, serão ainda, como acima referimos, fonte de consulta obrigatória.

O *Boletim de Etnografia* era publicação do Museu Etnológico Português⁽¹⁸⁾.

A *Revista Lusitana*, de seu título completo *Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal, publicado com a collaboração dos especialistas portugueses e de alguns estrangeiros*⁽¹⁹⁾, compõe-se de 38 volumes, saídos entre 1887 e 1941.

O *Archeologo Portuguez*, dado à estampa com grande regularidade, tem 30 números seguidos, entre 1895 e 1938⁽²⁰⁾ e, de título completo, *Collecção illustrada de materiaes e noticias, publicada pelo Museu Etnographico Portuguez*.

⁽¹⁸⁾ Lisboa, Imprensa nacional, n.º 1, 1920; n.º 2, 1923; n.º 3, 1924; n.º 4, 1929 e n.º 5, 1937, num total de 315 pp..

⁽¹⁹⁾ Vols. I-VIII, Porto, Livraria Portuense de Lopes e C.^a, 1887-1905; Vols. IX a XIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1906-1910 e, finalmente, Vols. XIV a XXXVIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1911-1941, prefazendo um total de 12.497 pp..

⁽²⁰⁾ Vols I a XXX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1895-1938 (data de publicação do Vol. XXX, 1956), num total de 10 248 pp..

O *Annuario para o Estudo das Tradições Populares Portuguezas* saiu em 1882⁽²¹⁾ e por aqui se ficou, aliás como outros boletins periódicos⁽²²⁾.

Orlando Ribeiro que — como resulta das linhas anteriores — secundámos sem reservas acompanhou-o algumas décadas de sua vida e viria a lembrar quanto a influência de José Leite “se estende benéfica e fecunda, para além das Ciências que cultivou”. Este facto teria ficado, essencialmente, a dever-se “à maneira larga como concebeu, desde cedo, os limites, ou melhor, os horizontes do seu trabalho”⁽²³⁾.

*“Oh! progresso inaudito da sciencia!
Vem o genio e os enigmas interpreta...
Nunca se turva a luz da intelligencia,
Que marcha em linha recta!”
(J. Leite de Vasconcelos, 1883)*

Numa gaveta, respigámos uns papéis soltos, apontamentos que resultaram de uma conversa demorada com Oliveira Guimarães, há uns anos atrás, quando estudávamos a vida e a actividade profissional de um nosso caricaturista. Tivemos, então, oportunidade de com ele travar conversa, o qual, em considerações muito pausadas, reflectidas, meditando, longamente, nos tempos de seus vinte, trinta anos, se ia referindo, de mistura a José Leite. Falava de homens e mulheres das mesmas lides; faziam grupo com Ana de Castro Osório, a criadora e perceptora da Cruzada das Mulheres Portuguezas e com Paulino de Oliveira que, em 1905, promoviam e dirigiam uma homenagem a Bocage⁽²⁴⁾. Nas 12 páginas

⁽²¹⁾ Porto, Livraria Portuense Editora, 1.º ano, 1883, IV fols. + 96 pp., saído em 1882.

⁽²²⁾ Vide *Cancioneiro Portuguez (Collecção de Poesias ineditas dos Principaes Poetas portuguezes)*, co-redactor Ernesto Pires, Porto, Tipografia Ocidental Editora, I ano, 1879-1880 159 pp.; *Bolletim do “Cancioneiro Portuguez”*, co-redactor Ernesto Pires, nº I, Setembro de 1879; nº II, Outubro de 1879; nº III, Novembro de 1879; nº IV, Dezembro de 1879 e nº V, de Julho de 1880; e *O Pantheon. Revista de Sciencias e Lettras*, com a co-redacção e edição de Mont’ Alverne de Sequeira, Porto, Typographia Nacional, 1880-1881, 393pp..

⁽²³⁾ In *José Leite de Vasconcellos*, sep. de *Biblos*, Vol. XVIII, tomo I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1942, p. 6.

⁽²⁴⁾ Vide Bocage - *A nossa homenagem ao insigne Poeta Setubalense, na Passagem*

compostas, juntavam-se-lhes, por ordem alfabética e entre outros, Teófilo Braga, Nombela y Campos, Alfredo da Cunha, Gomes Leal, Henrique das Neves, Alberto Pimenta, Inácio Ribera Rovira, Eduardo Sequeira, Afonso Vargas e Afonso Lopes Vieira.

Momentos como este, em que José Leite de Vasconcelos também interveio activamente, repetiram-se por anos a fio⁽²⁵⁾. Era gente da nossa Cultura que partia à descoberta do seu País. Por vezes, situavam-se em campos contrários. Mas a amizade e o reconhecimento da força intelectual e do prestígio de cada um não esmoreciam pelo apreço à livre expressão de pensamento, pelas ideias que, em debates, criavam sentido nas tertúlias e saraus, dando-se a conhecer no papel e na aguarela, na prosa e na poesia, nos discursos escrito e oral.

Entre muitos outros e além dos acima citados, colaboravam, Cristóvão Aires, Jorge Barradas, Nelson de Barros, Raúl Brandão, Leal da Câmara, Alfredo Cândido, Manuel Cardoso, Stuart de Carvalhais, Raúl de Carvalho, Sanches de Castro, Jorge Colaço, Júlio Dantas, Carlos Malheiro Dias, Julieta Ferrão, João Galhardo, Branco Gentil, Oliveira Guimarães, Manuel Gustavo, Celso Hermínio, Cardoso Mata, Almada Negreiros, Emérico Nunes, Manuel Penteado, Augusto Pina, Chaby Pinheiro, Milly Possoz, Chico Redondo, Arnaldo Ressano, Leite Rosa, Forjaz de Sampaio, Roberto dos Santos, Hugo Sarmento, João Silva, Veiga Simões, António Soares, Veiga e Sousa, Francisco Valença, João Valério, Rocha Vieira...

José Leite clamava, então, contra a revogação do decreto-lei que havia criado o Curso de Bibliotecas e Arquivos — cuja falta hoje ninguém nega, sentindo-se, de facto, a necessidade da sua existência permanente e

do 1º Centenário da sua morte, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, Setúbal, 21 de Dezembro de 1905.

⁽²⁵⁾ Recordem-se as homenagens de José Leite de Vasconcelos a ilustres representantes da nossa Cultura e que foram várias; entre outras “Teixeira de Aragão”, in *O Archeologo Portuguez*, IX, 1904, pp. 134-142; “Carolina Michaëlis (Lista dos seus escritos publicados de 1867 a 1911)”, in *Boletim da 2ª Classe da Academia*, V, 1911, pp. 246-297; “Consiglieri Pedroso”, in *Revista Lusitana*, XIV, 1911, pp. 318-321; “Sousa Viterbo”, *ibid.*, XIV, 1911, pp. 321-323; “F. Adolfo Coelho (Discurso pronunciado á beira da sua sepultura)”, *ibid.*, XXII, 1919, pp. 252-254; *Epiphanyo Dias, sua Vida e Labor Scientifico (Oratio de Sapientia, pronunciada na sessão de abertura solemne da Universidade de Lisboa, em 10 de Dezembro de 1921)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922, entre 50 biografias.

do seu desenvolvimento, nas Universidades, como saída alternativa aos licenciados em História, por exemplo — tendo igualmente introduzido no *curriculum* a cadeira de Numismática, com a duração de dois anos, a ser ministrada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Em 1911 era extinto o dito Curso.

Homem do Ensino e da Pesquisa a ele dirigida, costumava dizer que se iam os alunos mas ficavam os discípulos. Uns e outros visava com as suas “Considerações Gerais e Sumárias acerca das Fontes de Investigação Etnográfica”⁽²⁶⁾; com o plano “Cadeira de Archeologia Christã em Santarem”⁽²⁷⁾; com conselhos “Aos Collecionadores Portugueses”⁽²⁸⁾; com uma “Bibliografia do Folklore”⁽²⁹⁾; com o *Plano Summario do Mueseum Ethnologico Portuguez*⁽³⁰⁾ e a *Visita ao mesmo*⁽³¹⁾...

Ante a conjuntura criada por homens como este, Orlando Ribeiro recorda todos quantos “com as luzes do próprio saber esclareceram muitos recantos obscuros das ciências que cultivaram e deixaram memória imperecível ligada aos temas das suas preocupações habituais”⁽³²⁾.

Onde quer que estanciassem, manifestavam imediato interesse quer pelas vozes apagadas dos escritos, como pelas vivas do vulgo⁽³³⁾. O pensamento que dominava aquela geração, tal como a sua actividade, era o de “definir e caracterizar o povo português, fixando a sua personalidade,

⁽²⁶⁾ In *Portucale*, III, 1930, pp. 3-6, incluídas in *Etnografia Portuguesa*, I, pp. 319-324.

⁽²⁷⁾ In *O Archeologo Portuguez*, I, 1895, p. 310.

⁽²⁸⁾ *Ibid.*, III, 1897, pp. 67-69.

⁽²⁹⁾ In *Encyclopedia Republicana*, Lisboa, 1882, pp. 147-149.

⁽³⁰⁾ S. 1., s. d., [Lisboa, 1906], 4 pp..

⁽³¹⁾ *Visita ao Museu Ethnologico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1910-1911 e in *Museu Etnologico Português*, pp. 115 - 117.

⁽³²⁾ Cfr. *José Leite de Vasconcellos*, sep. da *Biblos*, Vol. XVIII, tomo I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1942, p. 3.

⁽³³⁾ Vide Hernâni Cidade que o repete, de amiúde, “Leite de Vasconcellos”, in *José Leite de Vasconcellos. Livro do Centenário (1858-1958)*, Lisboa, Imprensa Nacional, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1960, p. 41.

determinando-lhe a genealogia”⁽³⁴⁾. Portugal era o núcleo fundamental da obra de todos eles:

“Elles erguem ao ar solemnemente a voz
E insurgem-se, lavrando em dollorosos threnos
O seu protesto energico, feroz.
(J. Leite de Vasconcelos, 1878).

Sem falhar um que fosse, ante os anos perturbados que se viviam no País — movimentos anti-monárquicos, depois a Grande Guerra, ainda o Estado Novo... — voltaram a atenção para o povo: viam a vida dos Portugueses e ouviam o falar dos Portugueses, nas suas diversas e ricas modalidades dialectais, dando luz aos aspectos material e mental da vida vulgar.

Corriam o território de canto a canto, da raia ao Atlântico; não abandonavam, por nada, os lugares mais aninhados, as aldeias retiradas, planaltos, quebradas, barbeitos... Inquiriam sobre linguajares, crenças, o quotidiano, as preocupações locais. Para o “vulgo das cidades seria uma espécie de excêntrico”⁽³⁵⁾. Na Ilha do Corvo — diz-nos Pedro da Silveira —, ficara na lembrança dos naturais tão-só a imagem de um homem velho, barbudo, mais ou menos “avariado do juízo” que se pelava por ouvir cantigas de outros tempos e a respeito de coisas que toda a gente sabe o que são e para que servem. A todos inquiria pelo nome e serventia: “levou, ou quis levar, dali uns trastes velhos e uma carapuça de lã”, quando aí estive com companheiros da *Missão Intelectual*⁽³⁶⁾.

Aliás, José Leite não o escondia. Em *De Terra em Terra*, jocoso, revela que, não raras vezes, foi tomado por feiticeiro e até por espião de

⁽³⁴⁾ Cfr. Manuel Heleno, “Algumas Palavras sobre Leite de Vasconcelos”, *ibid.*, p. 47.

⁽³⁵⁾ Vide Vitorino Nemésio, “Leite de Vasconcelos”, *ibid.*, p. 101..

⁽³⁶⁾ Cfr. Pedro da Silveira, *José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo - Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis*, sep. da revista *Seara Nova* n.ºs 1352-1353, de Agosto-Setembro de 1958 e n.º 1361, de Março de 1959, Lisboa, 1959.

ladroões⁽³⁷⁾. Em Trás-os-Montes, uma velha mulher pôs-se em fuga, crente que ele pretendesse enfeitiçá-la e um padre estivera prestes a atirar-lhe com a pá do forno, “desconfiado das suas perguntas e atitudes”⁽³⁸⁾.

Revela-nos também os passeios de estudo, nas diferentes partes continentais e insulares. Em *Mês de Sonho (Conspecto de Etnografia Açórica)*, discursa⁽³⁹⁾ sobre a finalidade da *Missão*⁽⁴⁰⁾. São sempre coloridos relatos de excursões etnográficas e arqueológicas por estradas, caminhos e canadas.

Lidava com o material recolhido e fazia descrições vivas, polícromas, emblemáticas umas, incaracterísticas outras, em “telas” e páginas sucessivas. Eis, pois, os pilares da Etnografia, enfim... da vida tradicional que impunha conservar, registando e memorizando. É “uma espécie de *Monumenta Ethnica de Portugal*”, no dizer de Orlando Ribeiro⁽⁴¹⁾.

Proemiava o seu *Romanceiro*. O processo de apropriação dos temas e dos materiais populares era o mesmo. Nada podia ser nacional se não fora popular. Partia à descoberta de usos tradicionais e vulgares bem como de dialectos e de poemas para crianças e para todos, arejando-os em sumárias ou circunstanciadas amostragens.

Pari passu, ia coligindo e estudando a pedra e o papel, do objecto de antanho ao mais comum da nossa aldeia; registava a voz, a cor e o movimento. Um verdadeiro caudal de informação preciosa para a feitura daquele⁽⁴²⁾: romances épicos de assunto Hispânico, de motivos Carolíngios, contos noticiosos, novelescos, religiosos; canções em quadras, “precisando o estabelecimento dos Romances dentro de certa distribuição geográfica”⁽⁴³⁾.

⁽³⁷⁾ Vide Manuel Heleno, “Algumas Palavras sobre Leite de Vasconcelos”, in *José Leite de Vasconcellos. Livro do Centenário (1858-1958)*, p. 48.

⁽³⁸⁾ Id., *ibid.*, p. 48.

⁽³⁹⁾ Na Academia das Ciências de Lisboa, em 17 de Maio de 1925, Lisboa, 1926, [318 pp.].

⁽⁴⁰⁾ Cfr. *Correio dos Açores*, de 14 e 22 de Junho, 17 de Agosto e 8 de Novembro de 1924.

⁽⁴¹⁾ Cfr. *José Leite de Vasconcellos*, sep. de *Biblos*, Vol. XVIII, tomo I, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1942, p. 9.

⁽⁴²⁾ Vide Maria Aliete Farinho das Dores, *José Leite de Vasconcelos e a Literatura de Transmissão Oral — o seu Romanceiro*, sep. das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso Brasileiro (Lisboa, 1957)*, Lisboa, 1959.

⁽⁴³⁾ Id., *ibid.*, pp. 491-492. Vide também *Romanceiro Português*, coligido por J. Leite de Vasconcelos, notícia preliminar de R. Menéndez-Pidal, Coimbra, Por

Fábulas, fantasias populares, novelas, quimeras, xácaras... escondidas e adormecidas por detrás das penedias onde se acoitam parentes isolados e sem lei, fervilhavam tanto ao gosto de José Leite. Reescrevê-los era coisa útil.

Eles e outros “soldados” das mesmas guerras, lançavam setas a tudo quanto se lhes afigurasse ultrapassado, inconsequente, repetitivo. E toda a investigação faziam-na, glosando dois motes principais: um, “o da continuidade das manifestações mais elementares e mais profundas da vida do Povo”; outro, “o da generalidade da coisa averiguada, que só assim adquire carácter especificamente nacional”⁽⁴⁴⁾.

*“Às vezes, nesta vida errante em que abysmado
Estudo as tradições e as lingoagens dos povos,
— Vasto mundo que a Sciência arrancou ao Passado
Para cobrir de luz, dar-lhe horizontes novos —*

*Eu subo casualmente ao alto dos outeiros
Onde a rosa silvestre ergue o calix ao ar,
E entre as covas do gado e a sombra dos pinheiros
Pássão a toda a hora os ventos a cantar”
(J. Leite de Vasconcelos, 1884)*

Uns estudavam a côr. Leite de Vasconcelos, exemplarmente, além da Língua⁽⁴⁵⁾, estudou a Gesto⁽⁴⁶⁾. Das “Vozes dos sinos”, poema

ordem da Universidade, 1958, 1º V, 1960 (II Vol.); e *Romanceiro Portuguez*, Lisboa, David Corazzi Editor, 1886, Col. Bibliotheca do Povo, in *Miscelânea* [62pp.] e “*Romanceiro Portuguez / A propósito do Romanceiro-choix de vieux chants portugais*”, Paris, E. Leroux, ed. 1881, in *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, II, 1882, pp. 156-166 e 240-245.

⁽⁴⁴⁾ Cfr. Orlando Ribeiro, *José Leite de Vasconcellos*, sep, de Biblos, Vol XVIII, tomo I, Coimbra, 1942, pp. 7-8.

⁽⁴⁵⁾ Vejam-se, entre muitos outros trabalhos, os coligidos in *Opúsculos*, Vol. I-Filologia (Parte I), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928 [XXII fls. + 580 pp. + XIV pp.]; Vol. II-Dialectologia (Parte I), Coimbra, I.U., 1928, [VI fls. + 523 pp.]; Vol. III — Onomatologia, Coimbra, I.U., 1931 [XVIII fls. + 691 pp.]; Vol. IV — Filologia (Parte II), Coimbra, I.U., 1929, [XIII fls. + 580 pp].

⁽⁴⁶⁾ Vide “Gestos Artísticos”, in *Boletim de Etnografia*, nº. 2, 1923, pp. 24-26;

popular⁽⁴⁷⁾, passando pelas “Rimas Infantis”⁽⁴⁸⁾, à “Phonetica da Lingoagem Infantil (Ligeiras observações)”⁽⁴⁹⁾ e às “Contribuições para o Estudo da Lingoagem Infantil”⁽⁵⁰⁾, evoluiu para os falares populares e eruditos, para questões de ortografia⁽⁵¹⁾, para o crioulo⁽⁵²⁾ e o malaio⁽⁵³⁾. São inúmeras curiosidades filológicas e etimológicas, infundáveis observações gramático-lexicais. Nem falta a gíria militar⁽⁵⁴⁾ e uma chamada de atenção para as vozes dos animais e relações fónicas do homem com estes⁽⁵⁵⁾.

Filólogo naturalista, até então eivado de total ineditismo, deitou mãos à criação de uma cultura e concepção da Filologia que, na história do pensamento no nosso País, não tinha antecedentes.

Enquanto forrageava nos seus papelinhos com vista à tese de licenciatura em Medicina, ia dando algum conteúdo ao estudo sobre o Mirandês⁽⁵⁶⁾. Acontece que aquele versava *A Evolução da Linguagem*, pelo

“Duas Figas”, in *Boletim de la Real Academia Gallega*, XIV, 1925, nº 165, pp. 209-210, reed. in *Opúsculos*, V, pp. 585-587; *A Figa — Estudo de Etnografia Comparativa, precedido de algumas palavras a respeito do “Sobrenatural” na Medicina Popular Portuguesa* (Conferência lida na Faculdade de Medicina do Porto no I Centenário da Regia Escola de Cirurgia do Porto), Porto, Araújo e Sobrinho, 1925 [136 pp.]. O capítulo “A figa declaradamente contra a fascinação” foi, de novo, publicado in *Correio dos Açores*, nº 1724, de 30 de Abril de 1926.

⁽⁴⁷⁾ In *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, I, Palermo, 1882, pp. 570 e ss.; II, 1883, pp. 581-584, reed. in *Ensaio Ethnographicos*, IV, pp. 170-193.

⁽⁴⁸⁾ *Ibid.*.

⁽⁴⁹⁾ In *Revista de Estudos Livres*, I, 1883-1884, pp. 379-382, reed. in *Contribuições para o Estudo da Lingoagem Infantil*, cap II.

⁽⁵⁰⁾ In *Tirocinio*, nº 77, de 4 de Novembro de 1883.

⁽⁵¹⁾ Ver “Diálogo com um jornalista”, in *O Mundo*, de 6 de Novembro de 1902.

⁽⁵²⁾ In *Kritischer Jahresbericht*. de Völmöller, reed. in *Opúsculos*, IV, pp. 1191-1218.

⁽⁵³⁾ In *Revista Lusitana*, XII, 1909, pp. 268-282.

⁽⁵⁴⁾ Vide *Opúsculos*, IV, pp. 588-591. “Carta prefácio a Afonso do Paço”, *Gírias Militares Portuguesas*, Porto, Edições Maranus, 1926.

⁽⁵⁵⁾ In *Portucale*, VII, 1934, pp. 3-11.

⁽⁵⁶⁾ Vide *Opúsculos*, IV — Filologia (Parte II): o dialecto mirandez, nº 959 (parte final); *Varia Mirandesa*, pp. 721-722, “Um conto popular em Mirandês”, in *Revista Lusitana*, I, pp. 260-261; “Um texto mirandês”, in *O Mirandês*, nº 14, de 25 de Outubro de 1894; “A língua Mirandesa”, in *O Reporter*, n.ºs 1517 a 1520, de

que não pode ser acusado de dispersão temática, quando evolucionou das Ciências Médicas para as dos Dialectos. E, na verdade, correu a Dialectologia do País, de Norte a Sul⁽⁵⁷⁾.

Na dissertação, sondou o aparelho fonador e as próprias determinantes físico-psicológicas da linguagem, suas perturbações patológicas: “há (nela) curiosas observações das relações entre a extensão da frase e o tempo do movimento respiratório e há a compendiação de todas as formas de patologia da linguagem, com algumas das quais procura penetrar no mistério da origem deste instrumento de comunicação”⁽⁵⁸⁾. Foi, com efeito, uma fase que muito contribuiu para o brilho ímpar com que lavrou nos campos complexos da Etnologia, Etnografia e Dialectologia⁽⁵⁹⁾ a que, no decurso da sua vida, não deixou nunca de dedicar horas a fio. Àquelas juntou a Arqueologia, a Grotologia e a Onomatologia, ainda a Numismática e a Epigrafia.

Em 1893, iniciou a formação do Museu Etnológico Português, sob a protecção de Bernardino Machado, então Ministro das Obras Públicas. Eis outro repertório, este vivo, dos mais interessantes espécimes achados no nosso solo e transmissor de utensílios, costumes, hábitos e tradições do nosso povo.

Não nos alonguemos mais para dar espaço a quem, desde o primeiro momento, se predispôs a trabalhar connosco, nesta sentida homenagem a José Leite de Vasconcelos. De há cinquenta anos para cá, as manifestações de pesar deram lugar, sobretudo, a reconhecimentos múltiplos, por parte

13 a 16 de Janeiro de 1897; “Notas Mirandesas”, in *Revista Lusitana*, V, pp. 195-198; *Philologia Mirandesa, Historia do ‘L’*, sep. da *Revue Hispanique*, Vol. VI, Paris, 1899 [12 pp.]; *Estudos de Philologia Mirandesa*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900 [XX fls. + 489 pp.]; Vol. II, 1901, [344 pp.], entre outras.

⁽⁵⁷⁾ Cfr. *Opúsculos*, II — Dialectologia (Parte I), Coimbra, I.U., 1928: dialectos vários, linguajares do povo, relactos de excursões...

⁽⁵⁸⁾ Vide Hernâni Cidade, “Leite de Vasconcelos”, in *José Leite de Vasconcellos. Livro do Centenário (1858-1958)*, p. 37.

⁽⁵⁹⁾ Vide *A Evolução da Linguagem (Ensaio Anthropologico Apresentado á Eschola Medica do Porto como Dissertação Inaugural)*, Porto, Typographia Occidental, 1886 [XII fls. + 103 PP.], reed. in *Opúsculos*, I, pp. 3-150.

de alunos e discípulos seus e de outros, de quanto todos ficámos a dever-lhe bem como as gerações que hão-de vir. É este o significado mais íntimo deste volume: o reconhecimento de um *dever*, pelo passado, no presente e no futuro.

B.N.L., 20 de Maio de 1992